



Fortificaciones en la Edad del Hierro: Control de los recursos y el territorio

glyphos
Publicaciones

2015

MURALHAS PROTO-HISTÓRICAS NO ALTO CÔA (PORTUGAL): ANÁLISE COM FERRAMENTAS SIG E 3D

Marcos Osório

Câmara Municipal do Sabugal e Universidade de Coimbra. CEAACP
arkmarcos@hotmail.com

Raquel Vilaça

Universidade de Coimbra. CEAACP
rvilaca@fl.uc.pt

Telmo Salgado

Câmara Municipal do Sabugal
telmosalgado74@hotmail.com

RESUMO

No seguimento de anteriores trabalhos sobre o povoamento proto-histórico na região do vale superior do rio Côa (Sabugal, Guarda, Portugal) e de recentes intervenções arqueológicas conduzidas em alguns destes povoados que vieram acrescentar novos dados a essas reflexões, pretendemos efectuar agora uma abordagem mais específica às estruturas defensivas destes núcleos de povoamento com recurso aos sistemas de informação geográfica (SIG) e às técnicas de reconstituição em três dimensões (3D).

Com as análises espaciais e as reconstituições arquitectónicas produzidas através destas ferramentas informáticas, pretendeu-se analisar as soluções defensivas adoptadas, do ponto de vista funcional e simbólico, tendo em consideração as características orográficas, a intervisibilidade entre estes povoados e a sua relação com as vias de comunicação naturais e áreas de exploração mineira, e também discutir problemáticas relativas à distribuição destes povoados pelo território e suas eventuais hierarquias e áreas de influência.

PALAVRAS-CHAVE

Muralhas; Proto-história; Alto Côa (Portugal); GPS; SIG; 3D.

SUMMARY

Following previous work on the proto-historic settlement in the upper valley region of the Côa River (Sabugal, Guarda, Portugal) and recent archaeological excavations conducted in some of these settlements, which have added new data to those considerations, we pretend to make now a more specific approach to the defensive structures of these population centers using the Geographic Information Systems (GIS) and the 3D reconstruction techniques.

With the spatial analysis and architectural reconstructions produced by these digital tools, we intended to analyze the defensive solutions adopted, by a functional and symbolic point of view, taking into account the orographic characteristics, the intervisibility between these settlements and their relation with the natural paths and mining areas, and discuss also the concerns about the distribution of these settlements through the territory and their possible hierarchies and areas of exploration.

KEYWORDS

Walls; Protohistory; High Côa Valley (Portugal); GPS; GIS; 3D.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Na região do vale superior do rio Côa, integrando praticamente os limites administrativos do Município do Sabugal (Distrito da Guarda), na fronteira com a Província de Salamanca (Fig. 1), têm sido desenvolvidos trabalhos de prospeção para a Carta Arqueológica Municipal e a georreferenciação dos inúmeros sítios arqueológicos identificados, das mais diversas cronologias.

Possuímos agora um razoável registo de núcleos de ocupação proto-histórica que perfazem um total de 24 assentamentos distribuídos por todo o território do Alto Côa.

Genericamente, podemos afirmar que estamos perante povoados¹ de distintas cronologias, desde a Idade do Bronze/Bronze Final até à II Idade do Ferro (Fig. 2). Trabalhamos, portanto, com dados de qualidade distinta.

Em 9 destas estações, foram já promovidas escavações arqueológicas de carácter pontual ou de âmbito mais alargado (Fig. 3),

embora sejam ainda insuficientes para propor enquadramentos cronológicos a este cadastro de testemunhos ocupacionais, tendo os sítios que não sofreram escavações sido datados com base em determinados achados avulsos ou por paralelos na tipologia de assentamento.

Foram já efectuadas algumas tentativas anteriores de caracterização desta ocupação proto-histórica, tentando definir sistemas de redes de povoamento, as quais parecem oferecer uma certa organização policêntrica, de forte pendor multipolar, dominada por assentamentos de altura e de forte impacto visual (Vilaça, 1995; Osório 2005; Vilaça 2008; Silva 2008; Osório, 2009; Vilaça 2013) e por isso, neste texto, visámos apenas abordar os tipos de estruturas defensivas existentes nesses povoados e a respectiva distribuição espacial.

O estudo da arquitectura proto-histórica depara frequentemente com a frustrante incapacidade de conseguir descrever o traçado, a volumetria e a implantação topográfica das estruturas defensivas antigas, a partir dos reduzidos e disformes derrubes de pedra (poucas vezes sujeitos a escavações). Só com recurso a levantamentos por GPS é possível a identificação dos alinhamentos e a definição

¹ Utilizamos aqui o conceito de “povoado” de uma forma livre e genérica, como um lugar de habitação (ou de refúgio) sem atender a dimensões, organização interna, funcionalidades particulares, cronologias específicas, etc.

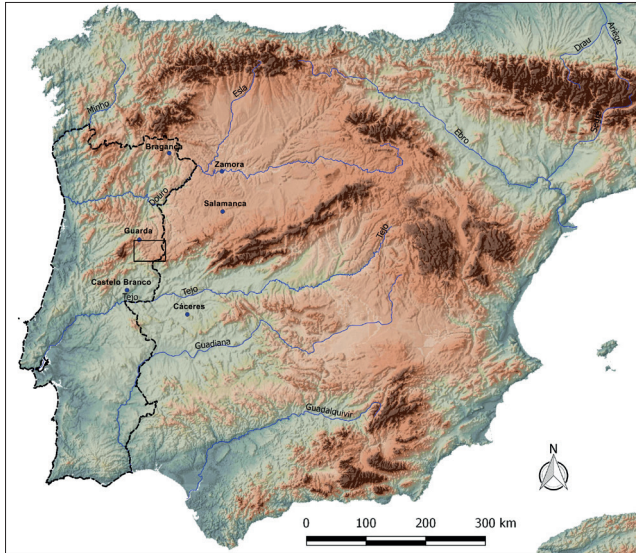


Fig. 1 – Localização da área de estudo.

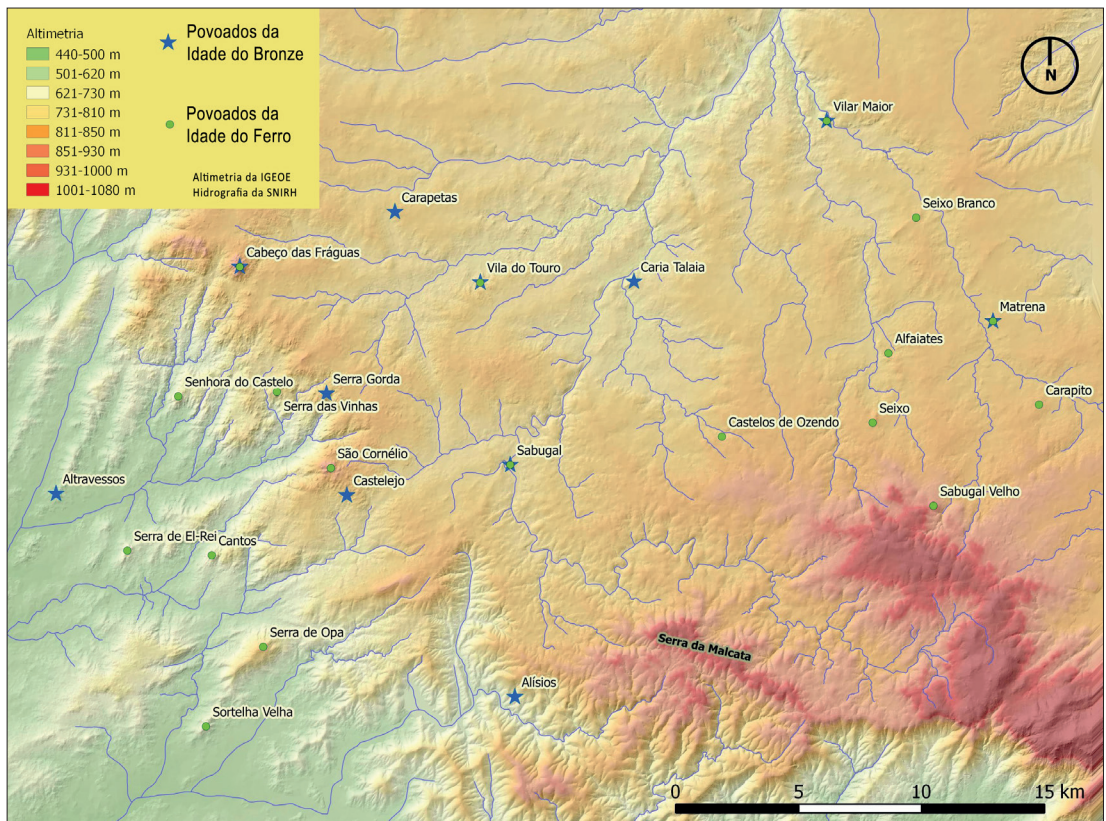


Fig. 2 – Localização dos povoados proto-históricos no Alto Côa.

da planta de inúmeras estruturas arruinadas, que aqui designamos genericamente como muralhas².

O registo de campo permitiu a consequente realização de reconstituições tridimensionais dos polígonos desenhados (a partir dos pontos do GPS), recorrendo a determinadas ferramentas do programa informático ArcGIS, nomeadamente da extensão *3D analyst*. Os modelos 3D das estruturas defensivas resultantes foram incorporados, por sua vez, sobre o Modelo Digital de Terreno (MDT) que simula a realidade topográfica do terreno, e ao qual foi adicionada a ortofoto para dar maior realismo.

Estes modelos resultam de uma criteriosa reflexão dedutiva, tendo em consideração os indícios existentes e os paralelos conhecidos para a região, procurando reproduzir a perspectiva mais aproximada das estruturas na sua fase de utilização. Não sendo possível a definição das texturas, optámos por dar apenas cores ou tonalidades básicas, e como valor médio de alteamento atribuímos 3 m de altura.

Pretendemos reproduzir, de forma clara e precisa, o aspecto e a morfologia edificatória destas estruturas proto-históricas, para o qual foi essencial o uso destes programas de representação gráfica que permitiram elaborar diversas hipóteses de reconstituição e a interpretação imediata da ruína, sobretudo quando os vestígios são escassos ou insuficientes para ter leitura.

As simulações obtidas facilitaram algumas observações e análises que incidiram em aspectos como a localização, imponência, monumentalidade destas construções e as suas relações com a topografia. Com este contributo antecipa-se a estruturação de um ambicionado projecto de investigação sobre fortificações proto-históricas nesta região.

Outro programa empregue neste trabalho foi o software Quantum GIS usado para produzir perfis topográficos, bacias de visão e o cálculo do índice de dispersão destes sítios pelo território do Alto Côa, num mapa que define as zonas de maior apetência habitacional, através de uma variação cromática em que a mancha de tonalidade mais clara corresponde a uma maior densidade de povoamento (Fig. 4).

A leitura obtida a partir desta superfície cartográfica permite deduzir que existem duas áreas privilegiadas de ocupação, concentradas de cada lado do rio Côa, e não na parte central, ao longo do próprio eixo do vale do Côa (Fig. 4), destacando-se em termos de intensidade o foco mais ocidental, talvez devido aos indícios de primitiva exploração mineira, aí existentes (Vilaça 1998: 351, Vilaça 2008: 42-43; Osório, 2012: 26-28). Os resultados teriam outra projecção se obtivéssemos datações mais finas, o que justificaria a realização de cálculos específicos para cada período de ocupação.

Estas duas áreas de maior densidade ocupacional correspondem, em termos de fisionomia da paisagem, a regiões geograficamente distintas: de um lado encontram-se as terras do planalto mesetenho, que se caracterizam pela sua monotonia orográfica, onde poucas elevações se destacam; em contraste com a diversidade paisagística do rebordo ocidental da bacia hidrográfica do Alto Côa, marcado por proeminências de grande pendente e vales profundos.

Não é de estranhar que as comunidades residentes nas margens contrárias do rio Côa tenham possivelmente recorrido a distintas arquitecturas defensivas (Fig. 5), tendo em conta as condicionantes geomorfológicas locais, que acabaram, naturalmente, por gerar particularidades ocupacionais e culturais que talvez contribuíram para a afirmação das suas identidades.

² Utilizamos aqui o conceito de “muralha” como sinónimo de “fortificação” e como uma construção artificial (por vezes mista, incorporando nos alinhamento afloramentos rochosos) divisória entre um espaço interior e outro exterior, sem qualquer conotação funcional particular, que poderá ter sido diversa de caso para caso (elemento defensivo, de ostentação, mnemónico, de cariz político-administrativo, etc.).

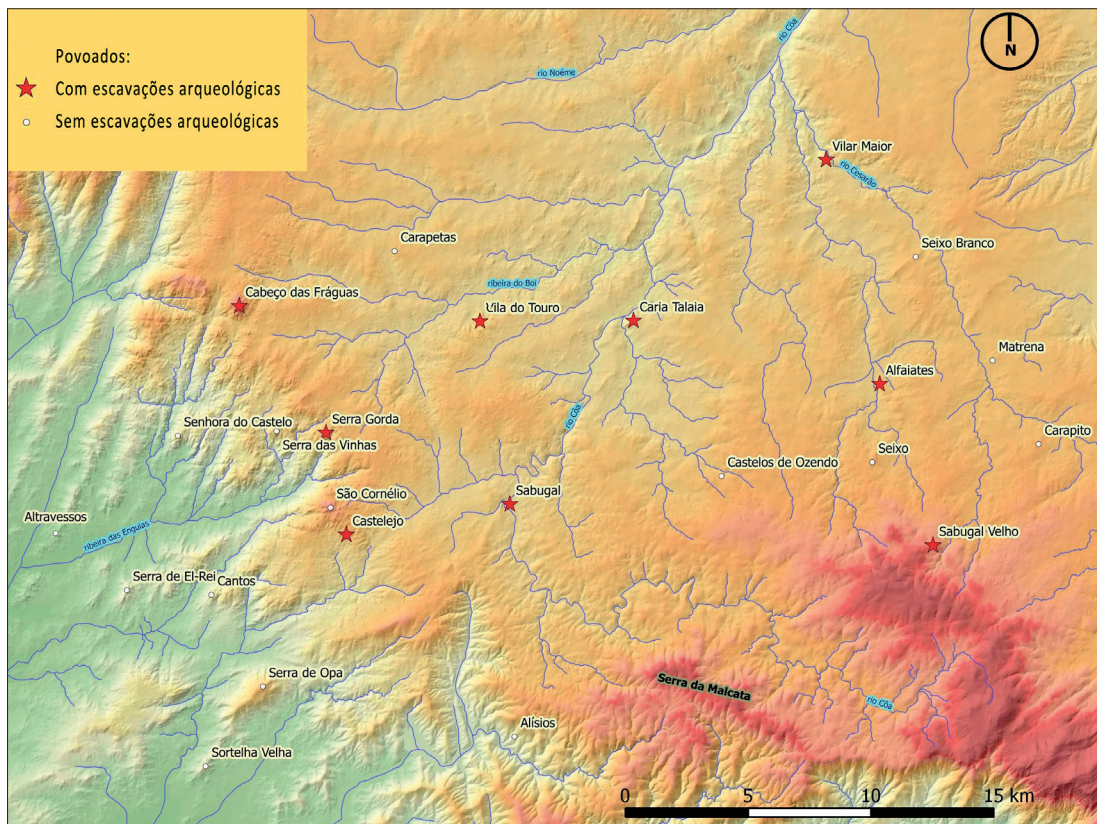


Fig. 3 – Distribuição dos povoados escavados e não escavados na região do Alto Côa.

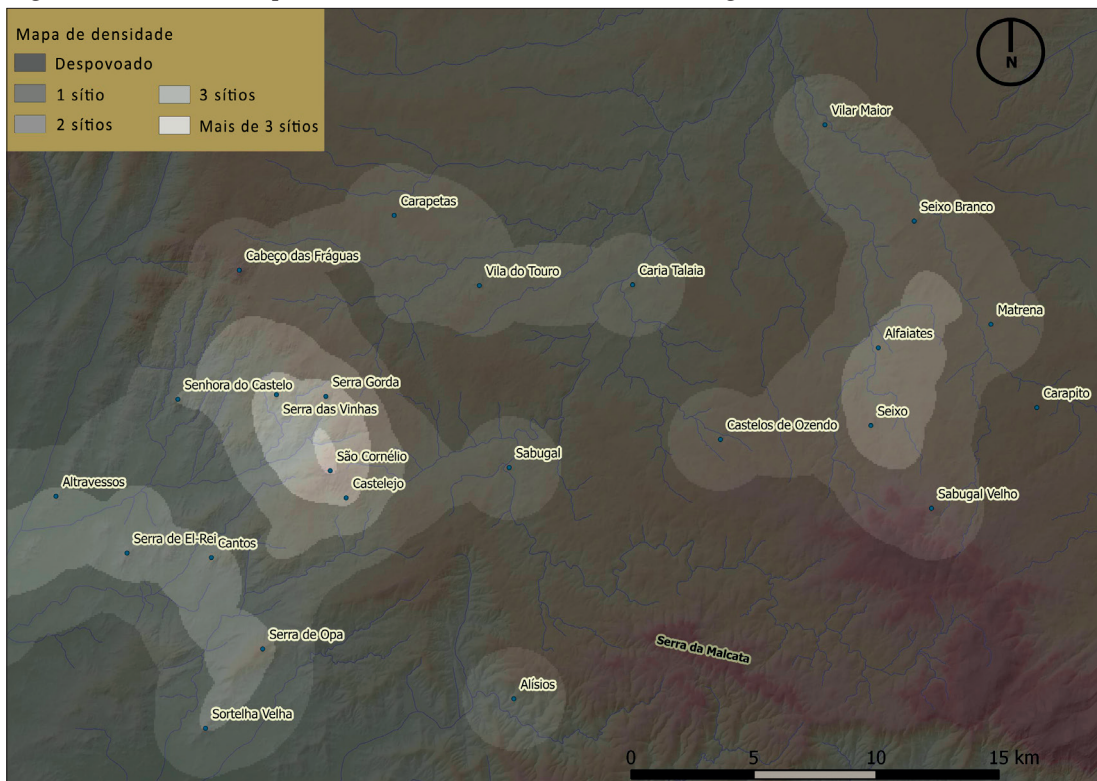


Fig. 4 – Densidade do povoamento proto-histórico no Alto Côa.

OS AMURALHAMENTOS NA FACHADA OCIDENTAL DO TERRITÓRIO

Os povoados amuralhados implantados na transição da plataforma mesetenha para a depressão da Cova da Beira estão dispostos como verdadeiros guardiões dessa fronteira natural, pela imponente, a equidistância e o controlo visual que exercem sobre a paisagem e os corredores de circulação (Osório, 2008: 40), como o rio Zêzere que carrega importantes aluviões estaníferos.

Mas sabemos que eles não seriam todos contemporâneos (Fig. 2). Possuímos informação segura, proveniente de escavações arqueológicas em dois destes povoados, que remete a ocupação mais antiga para a transição do II para o I milénio a.C., onde se registam indícios da utilização de taludes de pedra e terra como soluções defensivas ou de delimitação do espaço.

Um deles, o Castelejo (Sortelha), com o seu chamativo topónimo derivado do aspecto de pequena fortificação de pedra, sofreu uma intervenção arqueológica, entre 1988-1990, que permitiu aferir uma ocupação entre 1300 a 700 a.C., de acordo com vários indicadores recolhidos: taças carenadas e formas bitroncónicas, com decorações de variadas técnicas (incisões, impressões, motivos brunidos e aplicações plásticas), vários fragmentos de moinhos manuais de vaivém (dormentes e moventes), enxós, machados de pedra polida, pesos em seixo natural com entalhes laterais e lascas de sílex. Sobressaem, pela sua raridade, os bronzes: desde pequenas argolas, uma vareta e um fragmento de foice; destacam-se ainda e sobretudo instrumentos de trabalho da cadeia operatório do fabrico do bronze, de que são exemplo os cadinhos de cerâmica e os moldes de pedra, bem como os pingos de fundição (Vilaça 1995: 326-327, 364-366; Vilaça, 1998: 354-358). Recorde-se que pela primeira vez em território português foi identificado num dos cadinhos a adição directa de minério de estanho (cassiterite) com o cobre (Merideth 1998: 157). Estes achados atestam o conhecimento e a prática local da metalurgia

do bronze, o que não espanta dada a proximidade dos recursos mineiros da Quarta-Feira (Vilaça, 1998: 351; 2008: 42-43), explorados já nessa época.

As escavações aí conduzidas revelaram estruturas de carácter habitacional e uma construção em talude com cerca de 50 metros de extensão (entre os dois núcleos de afloramentos, como que fechando este espaço desprotegido) e 4 m de espessura (Vilaça, 1995: 106 e 255). Embora bastante destruída, algumas pedras da base conservam-se na posição original, assentes no saibro. O material utilizado foi o granito, sem qualquer ligante, destacando-se alguns blocos de grandes dimensões e de formas irregulares. A inclusão de elementos de moinho, inteiros e fragmentados, reaproveitados como material de construção e, eventualmente, pelo seu valor simbólico ligado à produção alimentar, é uma outra nota a reter.

Os vestígios exumados comprovam uma importante ocupação humana no topo do cerro amesetado e na plataforma em "sela", encaixada entre os pináculos rochosos, a 830 m de altitude, neste caso protegida pelo talude defensivo ou protector, do lado oriental, justamente onde a encosta é mais vulnerável (Fig. 6). Aqui viveu uma pequena comunidade que dominava visualmente as terras do vale superior da ribeira da Nave, onde se encontravam os recursos naturais e por onde passavam os principais eixos de comunicação deste território, no I milénio a.C.

Apenas a 4 km para noroeste deste sítio fica o povoado da Serra Gorda (Águas Belas) que revelou igualmente diversos testemunhos que provam uma presença recuada dos finais da Idade do Bronze, em posição sobranceira à região mineira do vale da Quarta-feira.

O sítio caracteriza-se por uma elevada plataforma entre penedias graníticas, a 850 m de altitude. Na intervenção arqueológica, realizada em 2002, foram abertas sondagens no topo do pináculo meridional, na plataforma em sela e na encosta norte, que proporcionaram as primeiras informações sobre a cronologia e os materiais relativos à comuni-

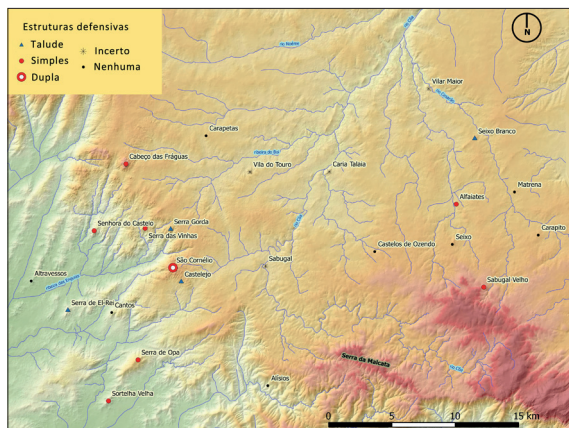


Fig. 5 – Tipos de estruturas defensivas presentes nos povoados proto-históricos do Alto Côa.



Fig. 7 – Reconstituição tridimensional das estruturas amuralhadas do Cabeço das Fráguas.



Fig. 6 – Reconstituição tridimensional dos taludes do Castelejo e da Serra Gorda.



Fig. 8 – Reconstituição tridimensional da cerca proto-histórica do Sabugal Velho.

dade aqui residente (Vilaça, Osório e Ferreira, 2004: 138).

Não foram identificadas quaisquer estruturas habitacionais, dado que o terreno se encontrava francamente remexido por intensa actividade agrícola tradicional e pela erosão, que reduziram o potencial estratigráfico da cumeada. Os materiais recolhidos também não foram muito abundantes, tendo-se exumado para além de alguma cerâmica manual, diversas mós de granito de vaivém (dormentes e moventes) e um peso de seixo polido de grauvaque. Entre os fragmentos cerâmicos recolhidos destacam-se as formas carenadas e os exemplares que, estilisticamente, denunciam afinidades com o vizinho mundo meseteno de “Cogotas I”, como são as típicas decorações em “espiga” (*Idem*, 2004: 139).

Na vertente nordeste, afastada da área de maior concentração de vestígios, detectou-se também uma construção pétreia em talude, com 2 metros de espessura, feita de pedras de granito de grandes dimensões, bem assentes, formando um soalco artificial perfeitamente notório na topografia, ao longo de cerca de 80 metros da encosta, protegendo o lado de mais fácil acesso ao topo (Fig. 6), onde se descortina até uma abertura para o interior.

Os taludes destes dois povoados constituem as manifestações defensivas mais antigas já confirmadas no território do Alto Côa e são, aparentemente, uma solução construtiva simples e de pequena envergadura, da qual podemos até colocar dúvidas sobre o seu carácter defensivo e pressupor antes outras funções complementares ou de mera delimitação do espaço.

Quanto aos restantes povoados conhecidos nesta faixa de transição do vale do Côa para a bacia do Zêzere, à luz dos dados conhecidos (sem realização de escavações), revelam ocupações enquadradas cronologicamente na Idade do Ferro e evidenciam já amuralhamentos mais complexos, de feições comuns, que parecem definir um padrão de assentamento próprio desta zona geográfica.

Apenas o Cabeço das Fráguas (Benesperra/Pousafoles do Bispo) foi sujeito a escava-

ções arqueológicas (Fig. 3), entre 2006 e 2009, mas infelizmente não foram realizadas intervenções no traçado amuralhado que delimita parcialmente a área habitada. Os restos dessa primitiva estrutura amuralhada, de 2 m de espessura, identificam-se perfeitamente à superfície.

Foram definidas três fases de ocupação deste relevo: a primeira, do Bronze Final à I Idade do Ferro (séculos VIII-VII a.C.), à qual pertencem dois edifícios subcirculares de 6 e 7 m de diâmetro. A segunda fase de ocupação, da II Idade do Ferro (século IV-III a.C.) e que se manterá até ao século II-I a.C., tem associada uma grande estrutura circular de 8 m de diâmetro, com um compartimento sub-rectangular adossado. E a última é uma ocupação já do período romano (Santos e Schattner, 2010). Infelizmente, não sabemos a que período corresponderá o momento de erguimento da cerca pétreia.

Tal como no Cabeço das Fráguas, uma das principais características dos povoados desta zona é o constante recurso aos enormes penedos graníticos como defesas naturais, especialmente nas vertentes mais íngremes, que reduziram o investimento em estruturas defensivas de fabrico humano, cingindo-se estas, muitas vezes, a meras compensações da ausência das primeiras, fechando zonas abertas entre os amontoados rochosos (Fig. 7).

Alguns dos sistemas defensivos presentes nesta zona são pois de tendência híbrida, ao conciliar os paramentos construtivos de alvenaria com as abundantes penedias rochosas. Aliás uma prática comum em outras regiões como na Covilhã Velha (Fundão) (Vilaça *et alli*, 2000: 208), em São Romão (Seia) (Guerra, Fabião e Senna-Martinez, 1989: 191) ou na Senhora da Guia (Viseu) (Vilaça, 1995: 255-256). Por este motivo os traçados destas muralhas não circundam completamente o recinto, estando inúmeras vezes interrompidos e até bastante intervalados, como é patente por exemplo na reconstituição tridimensional das muralhas do Cabeço das Fráguas (Fig. 7) ou da Serra da Opa.

Um factor que contribuiu para o fraco investimento em edificações defensivas (apesar

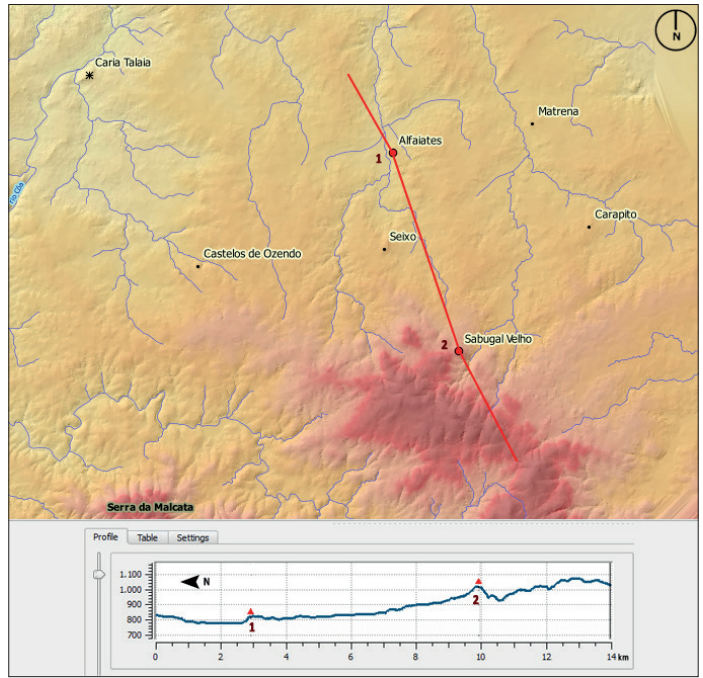


Fig. 9 – Perfil topográfico entre os povoados amuralhados de Alfaiates e do Sabugal Velho.

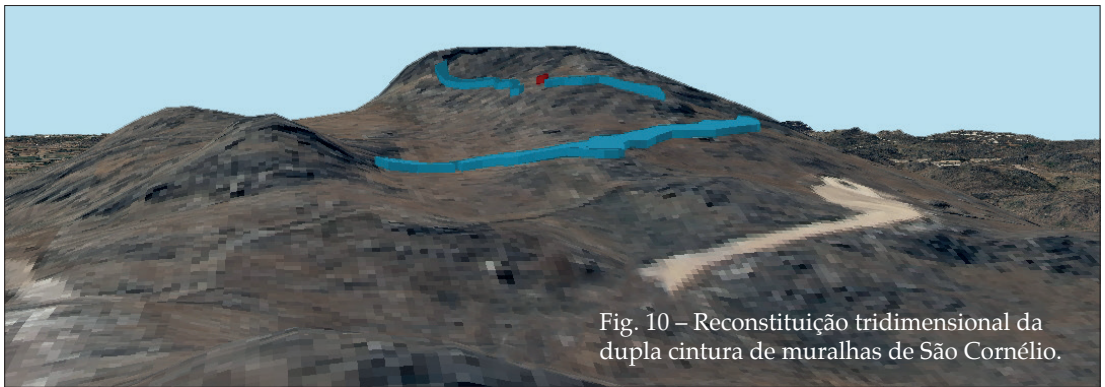


Fig. 10 – Reconstituição tridimensional da dupla cintura de muralhas de São Cornélio.



Fig. 11 – Reconstituição tridimensional da muralha circular da Sortelha Velha.

da matéria-prima abundante) é a inexpugnabilidade destes povoados, dada a sua localização em pontos bastante elevados, rondando os 600 e os 1015 metros de altitude, com um comando acentuado, na ordem dos 80 a 250 metros, como por exemplo a Serra das Vinhas (Penalobo), com 200 m de diferença na vertente meridional da base ao cume. Deste modo, é compreensível que as construções amuralhadas sejam rudimentares e não recorram a soluções arquitectónicas muito complexas. As vertentes mais íngremes, quase verticais, terão naturalmente dispensado a sua construção (Vilaça, 1995: 258), como se verifica na encosta meridional do Outeiro das Vinhas e na vertente norte da Serra da Opa, citando apenas alguns exemplos. Mas também não deveremos descartar a hipótese de esta situação algo “embrionária” traduzir uma limitada capacidade de mobilização, planeamento, gestão e liderança, em sintonia com uma organização e integração sócio-política pouco consolidada.

A pedra empregue no aparelho construtivo, pelo que é visível nos derrubes superficiais, provém do próprio substrato rochoso local - o granito - e mostra poucas preocupações de afeiçoamento, sendo constituída por pedaços disformes de tamanho grande e médio. Os escassos paramentos faciais preservados revelam aparelhos de alvenaria pouco cuidados e sem acabamentos, nunca empregando qualquer tipo de argamassa como ligante das pedras.

Alguns recintos ainda conservam os acessos ao interior bem perceptíveis, que mal podemos chamar de portas, facilmente reconhecíveis pela súbita interrupção dos alinhamentos de derrubes de pedra superficiais.

Dois casos merecem especial destaque: na Serra das Vinhas observa-se um tipo de entrada complexo, mediante a discordância do traçado do pano defensivo, criando um acesso oblíquo e dissimulado. Esta solução defensiva era ainda complementada por uma outra estrutura externa, de tipo torreão circular, na vertente virada para os vales dos afluentes da depressão do Zêzere. Na Serra de Opa (Moi-

ta) também se pode distinguir perfeitamente o acesso ao povoado através de uma rampa delimitada por um muro em socalco, do lado da inclinação da vertente.

Estes povoados da fachada ocidental do território são sítios geralmente destacados, com carácter omnipresente, constituindo verdadeiros marcos na paisagem, sendo avistados de vários sítios em redor e convertendo-se em referências territoriais para as comunidades vizinhas (Osório, 2008: 42). Os povoados do São Cornélio (Sortelha) e do Cabeço das Fráguas são as principais referências visuais para as populações da região envolvente, no território do Alto Côa e nas terras da bacia do Zêzere.

Neste último, admite-se que deverá ter assumido função agregadora das comunidades pela sua situação fronteiriça e pela sua “aura sacra” — numa vasta região em redor, era o único que, tocando o céu (1018 m de altitude), se encontrava mais perto dos deuses do que dos humanos — o que em época romana efectivamente se consagrou com a conhecida inscrição em língua lusitana recorrentemente referida na bibliografia especializada (Vilaça, 2000: 37; 2005: 20-21; 2013: 200; Vilaça *et al.* 2004: 140).

Uma forma de salientar esta importância visual entre os núcleos habitados é a simulação virtual das suas bacias de visão acumuladas, conforme já anteriormente executámos para 7 destes povoados (Osório e Salgado, 2007: 18-19), onde se constatou que, para além de se avistarem mutuamente, exerciam um amplo domínio visual sobre determinadas zonas, talvez propositadamente, onde provavelmente se concentrariam as áreas de exploração agrícola/mineira ou por onde passavam os antigos caminhos de acesso à região que importava controlar.

O permanente contacto visual atestado nestes povoados e a possibilidade de alerta simultâneo denotam provavelmente a existência de laços de solidariedade. Este esforço conjunto para um melhor controlo estratégico do território imediato terá presidido a ocupação destes locais, intencionalmente coloca-

dos em campos de visão comuns, como meio de coesão e provando a sua afinidade étnica (Vilaça, 2004: 47). Talvez se possa considerar a intervisibilidade um dos melhores recursos defensivos dos povoados desta região, pois existem outras razões de ordem simbólica e social para erigir uma muralha (Vilaça, 2004: 50).

AS ESTRUTURAS DEFENSIVAS NA MARGEM DIREITA DO RIO CÔA

Olhando agora para a margem direita do rio Côa, a quantidade de estruturas defensivas assinaladas nos povoados é menor ou não está ainda devidamente atestada. Tendo em conta até o facto de os povoados ocuparem os escassos relevos existentes, pouco destacados da superfície planáltica e com menores recursos defensivos naturais, surpreende que se conheçam apenas dois sítios com vestígios de muralhas edificadas, tanto mais que aí se situa o maior número de estações arqueológicas intervencionadas (5 casos).

Uma delas é o Sabugal Velho (Aldeia Velha), que sofreu uma ampla campanha de escavações entre 1998-2002 e encontra-se já sobejamente caracterizada em vários trabalhos publicados (Osório, 2005a; Osório, 2005b; Osório, 2011; Cabral e Osório, 2012), o último dos quais propõe a reconstituição em 3D do urbanismo da última fase de ocupação do relevo, datada do período medieval, que se encontra melhor preservado.

Mas as escavações realizadas na extremidade poente do recinto amuralhado mostraram que a cerca medieval corresponde à reconstrução e adaptação de uma muralha sidérica, cuja entrada se fazia primitivamente mais a norte e que, entre os séculos XII e XIII, foi entaipada e desviada para sul (Osório, 2005a: 89-90).

A muralha castreja identificada nesses trabalhos, com cerca de 4 m de espessura, era composta de alvenaria mista de granito fino e de xisto (de acordo com o substrato rochoso local situado exactamente na transição dos granitos para os xistos), sem grande perícia no afeiçoamento, no entanto com caracterís-

ticas muito diferentes dos amuralhamentos visíveis a ocidente do rio Côa e com maiores afinidades com o mundo meseteno.

A muralha contornava a totalidade do relevo e teria, pelo menos, uma porta na vertente mais suave, acedendo-se através de um corredor formado pelos dois extremos da linha defensiva que, em lugar de convergirem, se sobrepunham ligeiramente, de forma paralela, criando uma entrada oblíqua e não directa, análoga a diversos povoados da Província de Salamanca (Álvarez-Sanchis, 2003: 136). Não foram identificados torreões, mas a ortofoto da década de 50 permite adivinhar essa possibilidade, dada a existência de alguns pontuais amontoados de derrube de pedras (Osório, 2008: 9 e 15).

Recentemente, em 2012, foram identificados testemunhos inesperados de uma outra estrutura defensiva proto-histórica na antiga Vila de Alfaiates. Durante as escavações realizadas no interior do seu castelo quinhentista detectaram-se, a mais de 1,5 m de profundidade, os alicerces de uma grande construção feita de granito, xisto e quartzito, também com cerca de 4 m de espessura, correspondente, indubitavelmente, a uma muralha (Osório, 2014: 81-83). Os níveis de abandono que a cobriam revelaram materiais selados da II Idade do Ferro e época romana, como por exemplo, as fíbulas de tipo transmontano, anular e anular hispânico, além das mós circulares (*Idem*: 80-81). No paramento facial interior, foi detectado um grande elemento de moagem de vaivém reaproveitado como bloco construtivo, que concorre para esta datação sidérica.

Pela orientação do seu traçado, pelos vestígios de ocupação proto-histórica identificados mais a norte, e tendo também em consideração a topografia do terreno, cremos que esta muralha delimitaria o núcleo habitado, pelo lado sul, efectuando uma provável curvatura nesta zona.

É pouco provável que se venham ainda a detectar mais troços desta construção na povoação, pois ela ter-se-á preservado apenas sob os alicerces do castelo, e por isso desco-

nhecemos a planta geral do recinto e a sua extensão total, mas deveria abarcar provavelmente um pouco mais da plataforma do esporão xistoso, para norte, talvez com uma disposição de tendência ovalada. Considerámos a existência de uma porta neste troço identificado, pela súbita interrupção do alinhamento construtivo. A confirmar-se esta evidência, ela estaria também aberta para a encosta mais suave do relevo.

Com esta última descoberta, passámos a ter dois testemunhos de povoados amuralhados praticamente contemporâneos (tendo em conta a semelhança cronológica dos materiais recolhidos nas duas intervenções arqueológicas). Dada a ausência de indícios comprovados de amuralhamentos nos restantes núcleos habitados nesta zona, estes dois povoados, a meros 7 km de distância um do outro, o que poderá sugerir alguma dissonância cronológica mais fina, convertem-se nos mais importantes assentamentos amuralhados a oriente do vale do Côa. Apenas se lhes aproxima, em importância, o povoado sidérico vetão de Iruña (Fuenteguinaldo), a 18 km para leste destes dois, onde foram identificados *verracos* e subsiste uma extensa construção amuralhada de cronologia ainda incerta (Benet 1992; Martín Viso, 2009: 61).

Esta proximidade entre o Sabugal Velho e Alfaiates merece uma outra reflexão sobre as suas eventuais relações políticas e económicas, bem como sobre as possíveis funcionalidades específicas e eventuais hierarquias. No perfil topográfico produzido com a ferramenta *Terrain Profile* do QGIS percebe-se, por um lado, a curta distância entre eles e, por outro, a grande diferença altimétrica, constatando-se que o Sabugal Velho exerce um maior domínio na paisagem, sendo também uma das principais referências visuais nas terras mesetas da margem direita do rio Côa (Fig. 9).

Por outro lado, no cálculo da bacia de visão feito a partir do Sabugal Velho (Osório e Salgado, 2007: 18-19) confirma-se que eram igualmente intervisíveis. E que este povoado amuralhado da serra de Aldeia Velha não tinha contacto visual com os restantes núcleos

contemporâneos da margem contrária do rio Côa, mas somente com os assentamentos orientais, assegurando com essa limitada visibilidade uma filiação político-social restrita e a vigilância conjunta apenas de um território bem definido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, olhando para o mapa geral dos povoados proto-históricos do Alto Côa, aquilo que se pode dizer relativamente às estruturas defensivas é que nesta região foram adoptadas distintas soluções construtivas (Fig. 5). A par de povoados que não evidenciam quaisquer defesas (ou nós ainda não as detectámos), sobretudo na parte oriental, e que seriam talvez povoados abertos, em pequenas colinas sem quaisquer defesas naturais, existem outros que apresentam meros taludes em socalco, nas encostas de mais fácil acesso.

Atendendo ao que se conhece sobre o fenómeno megalítico no Alto Côa, que parece ter sido pouco expressivo quer em número de monumentos, quer na sua volumetria, as primeiras muralhas da região (que poderão remontar a períodos anteriores aos que este texto aborda) correspondem, na longa duração, à primeira grande alteração da paisagem com impacto visual mediante a construção de barreiras artificiais.

Por outro lado, são indicados os casos do Sabugal, Vila do Touro, Caria Talaia e Vilar Maior, já intervencionados arqueologicamente (Fig. 3), com bons níveis ocupacionais proto-históricos, mas que não facultaram quaisquer indícios de estruturas defensivas. Esta situação pode dever-se ao facto de todos eles terem sofrido uma reocupação em época medieval, que incorporou essas primitivas estruturas defensivas castrejas nas novas fortificações. Esses sítios elevados revelaram um importante potencial arqueológico em extensas áreas do topo e das encostas, onde se previa estarem também apetrechados de estruturas defensivas, o que ainda não foi confirmado. Caria Talaia poderá não ter recebido um investimento deste tipo pela sua

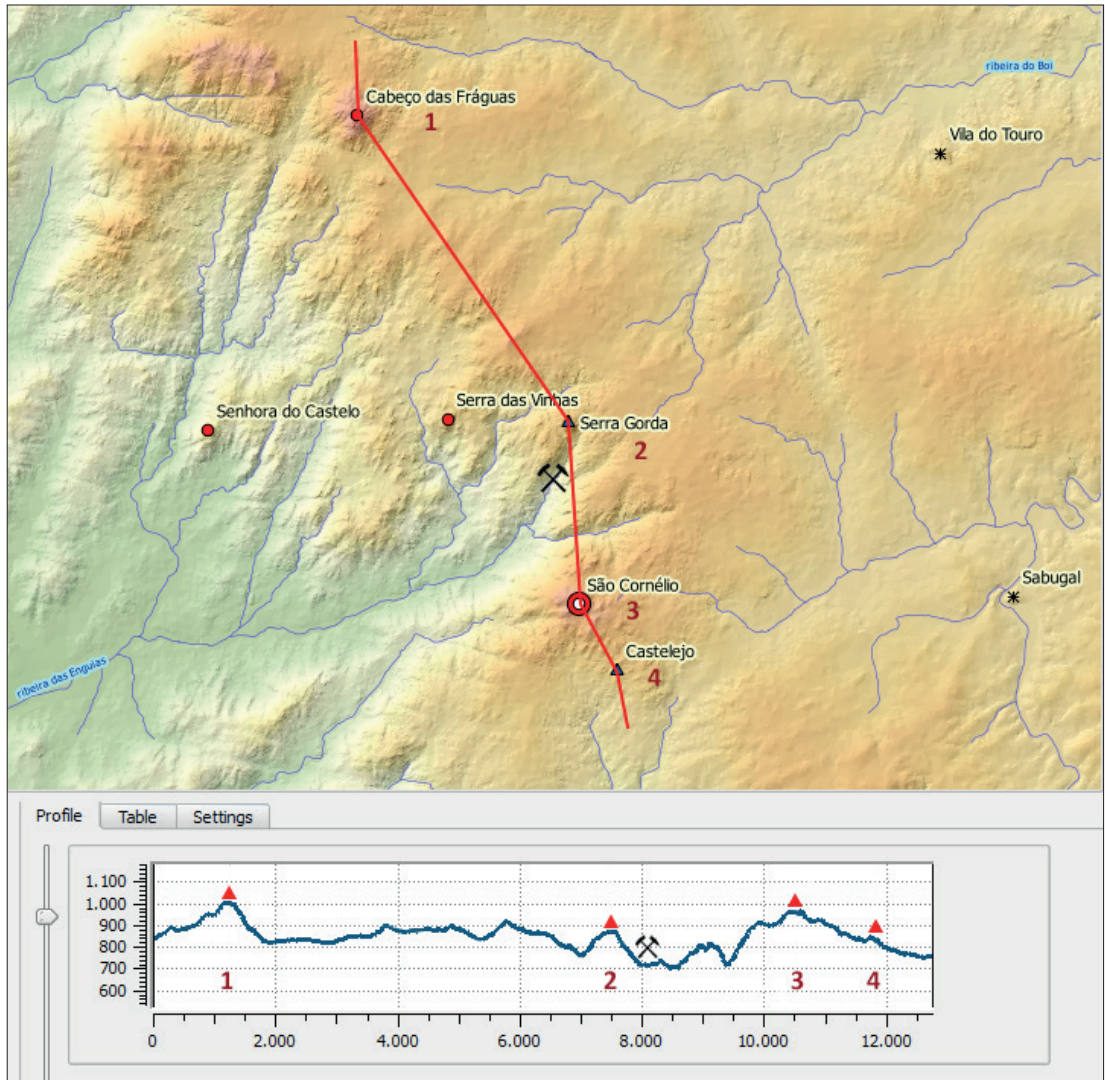


Fig. 12 – Perfil topográfico dos povoados da transição da bacia do Côa para o Zêzere e da zona mineira da Quarta-Feira.

restrita mancha de ocupação, pelas vertentes escarpadas que apresenta e de acordo com o seu carácter de sentinela do território.

Por fim, temos os restantes 7 povoados com testemunhos evidentes de muralhas, que já aqui abordámos (Fig. 5), destacando-se entre eles o São Cornélio, como o único caso confirmado na região que recorre a uma dupla cintura amuralhada.

Na nossa proposta de reconstituição tridimensional deste recinto (Fig. 10) é perceptível

uma cerca externa que delimita a área entre os dois cabeços, pelo lado nascente e, a uma cota mais elevada, erguer-se-ia uma segunda linha defensiva, demarcando uma plataforma intermédia, junto ao cume mais elevado, no interior da qual se conservam ainda testemunhos preservados de estruturas habitacionais circulares de 4 metros de diâmetro. Ambas as cercas conservam as respectivas aberturas viradas a oriente, nas zonas de mais fácil acesso, sem qualquer complexidade ar-

quitectónica. No entanto, uma vez mais, esta dupla cintura amuralhada não contorna por completo o espaço habitado, beneficiando dos abundantes maciços rochosos existentes e das íngremes escarpas, como complemento defensivo (Fig. 5).

Só as muralhas do Sabugal Velho e de Sortelha Velha (Vale da Senhora da Póvoa) circundam inteiramente o núcleo habitado, definindo recintos de planta circular ou oval (Fig. 8 e 11), que parecem denunciar uma estruturação destes aglomerados populacionais de acordo com algum ordenamento proto-urbano. Muito provavelmente, Alfaiates também se enquadraria neste cenário.

Estes três povoados erguem-se, curiosamente, em zonas de solos xistosos, onde escasseiam os penedos elevados como complemento defensivo (mais frequentes nos granitos) e onde abunda a pedra para o trabalho de alvenaria.

O facto de se identificarem cercas completas e fechadas, a par de outras de traçado irregular, abertas e fragmentárias, pode denunciar uma má planificação ou uma certa incapacidade construtiva destas perante as dificuldades provenientes da geomorfologia dos relevos ocupados. E coloca também, no caso dos sistemas abertos, o problema da sua inequívoca função defensiva, pelo que outras hipóteses interpretativas deverão ser procuradas: linhas demarcadoras do espaço habitado, protecção a animais selvagens, cercas de gado, estruturas de sustentação de terras e para criação de socacos artificiais de habitat ou cultivo.

Neste território não foram ainda identificados povoados com 3 linhas de muralhas ou com soluções complementares de tipo “pedras fincadas”, como sucede a oriente, em terras de Vetões (Berrocal Rangel e Moret, 2007: 19-20), ou nos castros a norte do rio Douro (Redentor, 2000). Contudo, no Sabugal Velho foram detectadas evidências, certificadas por especialistas do Reino Unido, que confirmam a presença do fenómeno da vitrificação de muralhas, ainda pouco conhecido a norte do rio Tejo, devidamente discutido em trabalhos anteriores (Osório e Pernadas, 2011). Aí, de-

terminadas rochas apresentam indícios de associação a barrotes de madeira, sugerindo a existência no local de uma construção que lembra os ‘*murus gallicus*’ europeus. Nas escavações que incidiram na muralha de Alfaiates foi também descoberto um barrote de madeira carbonizada, nos alicerces da muralha, que poderá testemunhar esta mesma técnica construtiva no território oriental do Alto Côa (Osório, 2014: 81).

Não foi possível definir uma cronologia exacta para a maioria destes 26 sítios proto-históricos do Alto Côa e para as suas respectivas fortificações, desconhecendo-se se elas correspondem a uma última fase de ocupação ou revelam uma ampla diacronia de utilização, com reconstruções e reaproveitamentos posteriores.

Pelo menos 11 destes núcleos apresentam indicadores materiais que os fazem recuar até finais do II milénio. Olhando para o mapa verifica-se que a sua distribuição pelo território parece ser bem repartida, enquanto a ocupação do I milénio a.C. denota já a referida bipolarização dos 17 sítios inventariados, para as extremidades nascente e poente do vale do Côa, estando o território partido a meio (Fig. 2). Já anteriormente se defendeu que este distanciamento e vazio ao longo do vale do Côa pode dever-se a motivos culturais e étnicos, dado que vários autores delimitam, nesta faixa, a fronteira entre Vetões e Lusitanos, hipótese ainda longe de ser confirmada (Osório, 2009: 95-96).

Analisando agora, numa perspectiva altimétrica, a relação entre estes núcleos de povoamento proto-histórico, em épocas distintas, através do cálculo de perfis topográficos, retiraram-se algumas conclusões interessantes, como por exemplo no recorte sul/norte de alguns dos núcleos da fachada poente do território (Fig. 12): aí se constata que os sítios do Castelejo e da Serra Gorda, datados da Idade do Bronze/Bronze Final, situam-se a um nível de altitude em torno dos 850 metros, enquanto os povoados amuralhados já datáveis da Idade do Ferro, como o São Cornélio e a Serra das Vinhas, ascendem para valores em torno dos 950 a 1000 metros.

O mapa também dá destaque à relação topográfica destes povoados com os vales da região da Quarta-Feira, onde se conhecem inúmeras áreas de exploração mineira de pirite, sulforeto de cobre e cassiterite, imprescindíveis ao fabrico do bronze. Numa destas minas, no Vale de Arca (Osório, 2005: 37-38), a pouco mais de 1 km do povoado da Serra Gorda, foram até descobertos, no final do séc. XIX, a 12 metros de profundidade, um machado de bronze (de talão e argola simples) juntamente com artefactos líticos polidos³, que atesta a sua exploração mineira na transição do II para o I milénio a.C., constituindo um polo de atracção ao povoamento proto-histórico e uma das zonas por excelência onde estes povoados pretendiam exercer algum controlo próximo.

O Castelejo (Sortelha) proporcionou diversos materiais ligados à “cadeia operatória” da metalurgia do bronze: como metal em bruto, cadinhos, moldes de fundição, pingos e desperdícios (Vilaça, 1995; Vilaça 1998; Vilaça 2008), que comprovam essa antiga actividade. Se prosseguissem os trabalhos arqueológicos na Serra Gorda, é muito provável que materiais similares viessem a ser encontrados.

Será legítimo supor que o São Cornélio terá alcançado uma importância maior, em sintonia com a robustez da sua dupla cintura amuralhada, dada a proximidade a essa área mineira. É possível que nele tenham residido elites cujo poder e estatuto decorreram da capacidade de manejo e do controlo sobre a exploração e circulação de diversos produtos.

Quanto às últimas etapas de presença humana neste território, tendo em consideração estes núcleos amuralhados, temos apenas três casos em que foi identificada, no seu interior, cerâmica de construção romana: em Sortelha Velha, na Senhora do Castelo (Bendada) e em Alfaiates. Não sabemos porém se estas soluções defensivas perduraram até essa altura, aproveitadas com os mesmos fins de defesa e vigilância do território ou, pelo contrário, se até foram derrubadas e inutilizadas durante esse período,

como sugerem as escavações em Alfaiates (Osório, 2014: 31) e no Sabugal Velho (Osório e Pernadas: 2011: 231).

É curioso que estes núcleos amuralhados com presença romanizada estejam na proximidade dos traçados viários mais antigos assinalados neste território. Tal coincidência é reveladora dos critérios que os conquistadores romanos terão definido na escolha de determinados povoados altaneiros para ocupar, em detrimento de outros.

Concluimos esta abordagem aos povoados amuralhados da região do vale superior do rio Côa salientando que a perspectiva explorada neste contributo é, por um lado, um primeiro ensaio de conjunto à luz dos dados existentes e, por outro, uma possibilidade interpretativa entre outros paradigmas com igual legitimidade.

O recurso a estes suportes informáticos suscitou novas reflexões e possibilitou a observação dos dados conhecidos por outros ângulos de observação. Será pois também por esta via que poderemos alargar o conhecimento sobre as estratégias defensivas das comunidades proto-históricas desta região.

BIBLIOGRAFIA

- ÁLVARIZ-SANCHIS, Jesús (2003) – *Los Vettones*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BENET, Nicolás (1992) – Domingo en Iruña. *Revista de Información Cultural*. Salamanca. 2:2, p. 25-28.
- BERROCAL-RANGEL, Luís (2004) - La defensa de la comunidad: sobre las funciones emblemáticas de las murallas protohistóricas en la Península Ibérica. *Gladius*. 24, p. 27-98.
- BERROCAL-RANGEL, Luís; MORET, Pierre (2007) - Las fortificaciones protohistóricas de la Hispania céltica: Cuestiones a debate. In *Paisajes fortificados de la Edad del Hierro: las murallas protohistóricas de la meseta y de la vertiente atlántica en su contexto europeo* (Actas del coloquio celebrado en la Casa de Velásquez, Octubre de 2006). Madrid: Real Academia de la Historia, p. 15-32.

³ Vilaça, 1995: 86, com bibliografia complementar.

- CABRAL, Tiago; OSÓRIO, Marcos (2012) - Reconstituição tridimensional das ruínas do povoado medieval do Sabugal Velho (Aldeia Velha, Sabugal). *Sabucale*. Sabugal. 4, p. 71-82.
- CARBALLO ARCEO, L. Xúlio (1997) - O espaço na cultura castreja Galega. In REDENTOR, Armando (Ed.) - *O 1º milénio a.C. no nordeste peninsular. A fachada atlântica e o interior*. Bragança. Parque Natural de Montesinho, p. 63-85.
- ESPARZA ARROYO, Ángel (1987) - Los castros de la Edad del Hierro del Noroeste de Zamora. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo.
- ESPARZA ARROYO, Ángel (2011) - Los castros del oeste de la Meseta. *Complutum*. Madrid. 22 (2), p. 11-47.
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, Francisco Javier (2009) - Las murallas de Las Cogotas y la Mesa de Miranda. Apuntes a la arquitectura defensiva de los Vettones. *Zephyrus*. Salamanca. 64, p. 63-79.
- GUERRA, Amílcar, FABIÃO, Carlos, SENNA-MARTINEZ, João (1989) - O Cabeço do Crasto de São Romão, Seia. Alguns resultados preliminares das campanhas 1 (1985) a 3 (1987). *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu, Coleção Ser e Estar, n.º 2*, p. 189-234.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino (1986-87) - Tipologías defensivas en la cultura castreña de la montaña leonesa. *Actas del Coloquio Internacional sobre la Edad del Hierro en la Meseta Norte*. [Zephyrus, 39]. Salamanca, p. 329-335.
- LLANOS ORTIZ DE LANDALUCE, Armando (1974) - Urbanismo y arquitectura en poblados alaveses de la Edad del Hierro. *Estudios de Arqueología Alavesa* Vitória. 6, p. 101-146.
- LÓPEZ GARCÍA, Juan Pablo (2010) - Arquitectura defensiva protohistórica. Perspectivas metodológicas. *El Futuro del Pasado*. 1, p. 189-201.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2009) - Sabugal Velho y el castillo de Abaroncinos. *Sabucale*. Sabugal. 1, p. 59-74.
- MERIDETH, Craig (1998) - *An Archaeometallurgical Survey for Ancient Tin Mines and Smelting Sites in Spain and Portugal. Mid-Central Western Iberian Geographical Region 1990-1995*. BAR International Series 714. Oxford.
- OSÓRIO, Marcos (2005a) - Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho. Contributos para o estudo dos sistemas defensivos proto-históricos e medievais. *Côavisão - Cultura e Ciência* (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior). Foz Côa. 7, p. 81-99.
- OSÓRIO, Marcos (2005b) - Contributos para o estudo do I milénio a.C. no Alto Côa. In *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, p. 35-65.
- OSÓRIO, Marcos (2008) - O povoamento do I milénio a.C. na transição da Meseta para a Cova da Beira (territórios e áreas de influência). In *Actas das I Jornadas de Património de Belmonte*. Belmonte: Câmara Municipal, p. 39-66.
- OSÓRIO, Marcos (2009) - A Idade do Ferro no Alto Côa: os dados e as problemáticas. In SANABRIA MARCOS, Primitivo Javier (Ed). *Lusitanos y Vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres* (Memorias; 9). Museo de Cáceres, p. 95-115.
- OSÓRIO, Marcos (2012) - *Sortelha: segredos por desvendar*. Sabugal: E.M. Sabugal+.
- OSÓRIO, Marcos (2014) - A longa história das estruturas defensivas de Alfaiates. Da Idade do Ferro às Invasões Francesas. *Sabucale*. 6, Sabugal, p. 23-68.
- OSÓRIO, Marcos; PERNADAS, Paulo (2011) - Índícios de vitrificação da muralha proto-histórica do Sabugal Velho. In RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C. & SANTOS, A. T. (coords.). *Actas do V Congresso de Arqueologia - Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto: DRCN, p. 219-238.
- OSÓRIO, Marcos; SALGADO, Telmo (2007) - Um Sistema de Informação Geográfica aplicado na arqueologia do Município do Sabugal. *Praxis Archaeologica*. Porto 2, p. 9-22.
- REDENTOR, Armando (2000) - Povoados fortificados com pedras fincadas em Trás-os-Montes. *Conimbriga*. Coimbra. 39, p. 5-51.
- LEMOS, Francisco Sande; CRUZ, Gonçalo (2006) - Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal. III Congresso de Arqueologia Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Vol. 3, p. 8-28.
- SANTOS, Maria João; SCHATNER, Thomas (2010) - O Santuário do Cabeço das Fráguas através da arqueologia. *Iberografias. Revista de Estudos Ibéricos*. 6:6. Guarda, p. 89-108.
- SILVA, Ricardo Costeira (2008) - *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*, Coimbra, Faculdade de Letras (tese de mestrado polícopiada).

- VILAÇA, Raquel (1995) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia; 9).
- VILAÇA, Raquel (1998) - Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 6 [Actas do Colóquio A Pré-história na Beira Interior], p. 347-374.
- VILAÇA, Raquel (2000) - Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze Final da Beira Interior. In FERREIRA, Maria do Céu [et al.], eds. – *Beira Interior. História e Património: actas das I Jornadas de Património da Beira Interior (Guarda, 1-3 Outubro 1998)*. Guarda, p. 31-50.
- VILAÇA, Raquel (2004) - O povoamento proto-histórico na periferia da Gardunha: balanço dos conhecimentos. *Eburobriga*, 1. [Fundão]: Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão: 40-56.
- VILAÇA, Raquel (2005) - Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a.C. In *Lusitanos e Romanos no nordeste da Lusitânia: Actas das II Jornadas do Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos.
- VILAÇA, Raquel (2008) - A Proto-história no Museu do Sabugal. *Museu do Sabugal. Catálogo arqueológico*. Sabugal: Sabugal+ e Câmara Municipal do Sabugal, p. 39-51.
- VILAÇA, Raquel (2013) - O povoamento da Beira Interior durante o Bronze Final: evidências, interação e simbolismos, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, p. 191-220.
- VILAÇA, Raquel; SANTOS, André Tomás; PORFÍRIO, Eduardo; MARQUES, João Nuno; CORREIA, Miguel; CANAS, Nuno (2000) - O povoamento do I milénio a.C. na área do concelho do Fundão: pistas de aproximação ao seu conhecimento. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 8, p. 187-219.
- VILAÇA, Raquel; OSÓRIO, Marcos; FERREIRA, Maria do Céu (2004) - Nem sempre o que parece, é. Um caso de etnoarqueologia na Serra Gorda (Águas Belas, Sabugal). *Norba*. Cáceres. 17, p.137-156.